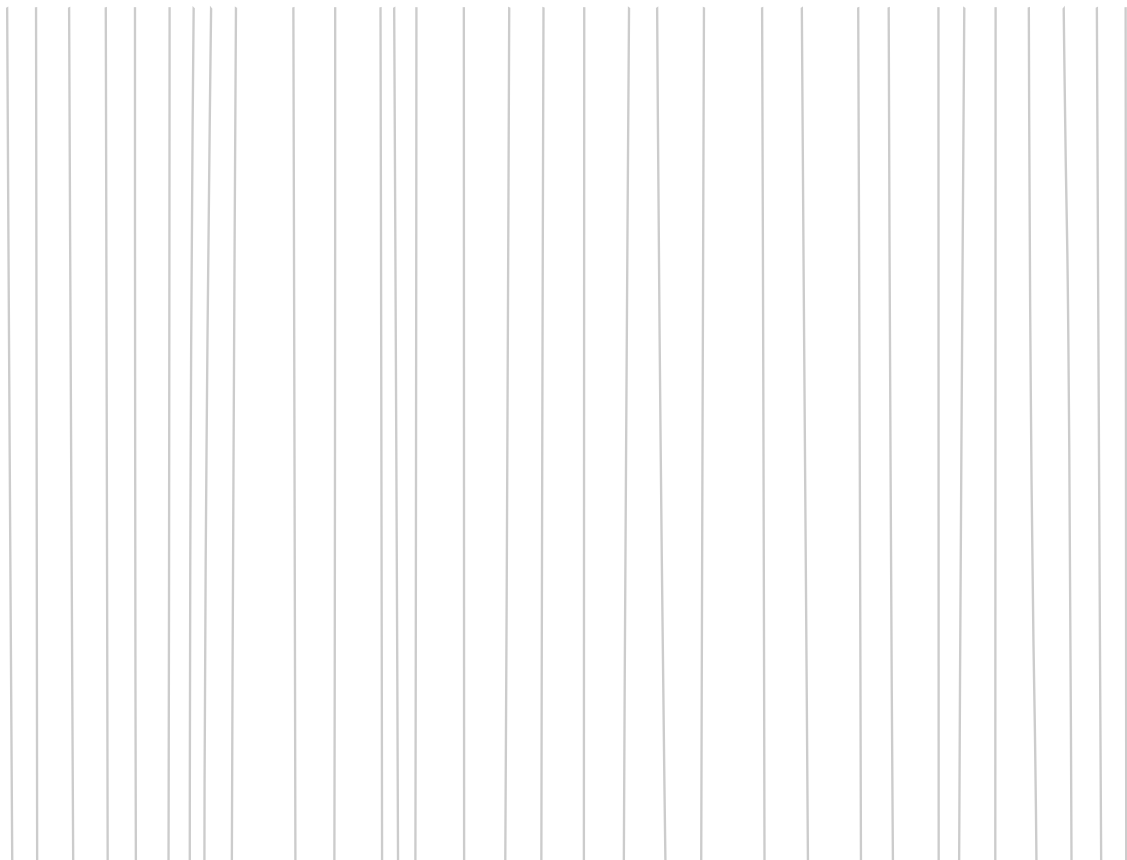


Conto



A grid of vertical lines for a ledger or account book, consisting of 25 vertical lines of equal width, spaced evenly across the page.

Semana Santa

Gerardo Andrés Godoy Fajardo

*Professor do Departamento de Línguas
Estrangeiras Modernas da UFRN
godoyfajardo@yahoo.com.br*

Enquanto sonhava que se afogava com o travesseiro, acordou com a cabeça molhada pelo calor. Uma lágrima de suor nasceu na sua testa e escorregou lentamente até o lençol. Lembrou ainda dormindo que era quinta-feira santa e que a partir desse dia não tinha que ir para faculdade ministrar aulas até a próxima segunda-feira. Sentiu um vazio enorme, pois tinha todo o tempo do mundo para seu próprio mundo afundado em si mesmo. Sabia que nesses longos dias ninguém perguntaria por ele nessa cidade da luz que cega e do calor sem abraço quente. Virou seu grande corpo que mal entrava na cama para um abismo de solidão. O lençol molhado estava amassado e encolhido. Por um instante lembrou-se do santo sudário que o padre da sua pequena cidade lhe mostrara numa manhã fria de domingo quando era coroinha. Acordou mais um pouco e lembrou-se da branca toalha do altar e da luz tênue da igreja. Lembrou-se de forma especial do quarto dos fundos onde sentiu as mãos enrugadas e macias do religioso tocando sua pele transparente de criança. Lembrou-se daquela sensação de pânico e de uma estranha alegria que nunca mais deixaria em paz seu corpo sensível.

Pegou o lençol e secou-se com ele como se fosse uma toalha. Foi até a cozinha e bebeu um largo gole de vodca e tomou uns calmantes. A cartela estava quase vazia. Caiu na cama. Ouviu sua mãe lhe chamando para tomar café, ele se levantou e sentou-se à mesa com o prazer do lar materno. Sua mãe fez cafuné na sua cabeça ainda com bastante cabelo e a aproximou da sua barriga como fosse levá-lo de volta para seu corpo. Uma batida de carro na rua do apart-hotel o jogou de volta para sua habitação com vista para o mar. Quis chamar sua mãe, mas fazia três anos que ela o deixara sozinho com seus segredos de amor sem palavras e a voz secou na sua garganta que lhe pediu mais um gole.

Levantou-se como réu condenado à morte e caminhou até sua mesa de trabalho que era onde também comia. Olhou para seus livros na parede e pelo

chão e sentou-se na frente do computador, que também estava coberto de livros fechados e abertos. Começou a ler para sua próxima publicação acadêmica, mas caiu de sono em cima de todos seus autores preferidos. Sentiu uma mão cálida de amor no seu ombro e acordou na biblioteca de Berlim. Um beijo de barba o tirou do sonho e ambos saíram para caminhar de mãos dadas pelos jardins do campus. Era quando mais gostava de falar em alemão. Nessas horas, cada palavra era um desafio sintático que terminava num abraço de dois homens grandes que ficavam enormes dentro desses casacos sem fim. Juntos eles não reconheciam nem o frio nem a frieza. Um beijo enorme lhe invadiu a memória e acordou com lágrimas no seu pênis. Olhou para o ambiente vazio do seu apartamento alugado nos trópicos. Ouviu o barulho da rua lá embaixo e lembrou que na cidade do sol o mundo lhe cuspiu seu amor masculino. Dormiu.

Ferveu água, colocou a massa, comeu e dormiu. Acordou no meio da madrugada com o lençol arrolado no seu corpo. Olhou para o relógio e um calendário na parede, era a sexta-feira da paixão. Pensou que Cristo fora um suicida, pois sabia que ia morrer naquela data, mas ele não acreditava nesse cara nem na vida depois da morte, nem em deus, nem em religião nenhuma, mas na determinação do ser humano e no fim do corpo. Tinha mais de trinta anos e havia lido o suficiente sobre ética e pensamento libertário para desenvolver, até as últimas conseqüências, sua liberdade de escolha. Dormiu.

O sol bateu no seu rosto sem saber onde estava. Olhou com uma cortina nos olhos que estava de cuecas na pequena varanda. Ninguém o via, mas voltou a sentir aquela incômoda vergonha por seu corpo, que era belo. Suava frio. Foi para o quarto depois de tomar mais comprimidos com um gole de Martini. Estava boiando na linha do horizonte. Ouviu um apito distante de um navio. Não conseguia respirar bem por causa das pequenas ondas que batiam sem parar na sua cabeça. O som do navio estava mais perto... mais perto..., então ouviu a voz da sua irmã no telefone como se fosse de um marinheiro jogando um salva-vidas. Queria saber como estava e se ia comer peixe nessa data. Ela ouviu sua voz adoentada, mas ele disse que era só uma gripe e que nessa cidade onde tudo mundo tem na ponta da língua o discurso da recepção, ninguém o convidara para lugar nenhum. Ela falou para não esquentar com isso e que lá no sul todo mundo sentia saudade dele. Ele sabia que no fundo falava só por ela. Ela comentou que seus filhos perguntavam pelo tio e que seu pai também. Logo ela perguntou pelo carro novo e ele respondeu que pegava na segunda. Ele ouviu triste, pois sua irmã aceitava com amor sua sensibilidade e compreendia sua dor pelo homem que o deixara sem muita explicação. O telefone calou como um navio que some no horizonte.

Ficou de noite. A garrafa de Martini estava no final e a gaveta estava ficando vazia de comprimidos. Dormiu no chão da sala e acordou numa boate. Uma alegria enorme tomou conta dele. Sorria discreto como era sua forma de ser, mas por dentro havia uma hiena com penas quicando no meio de uma multidão de homens afoitos. Beijou sem parar, tocou e foi tocado como massa de padeiro. Estava frenético com as luzes e uma música de LSD. Eram homens de todos os tipos como se tivessem saído de um monastério direto para o finalzinho do último baile gay, do último carnaval do calendário que deixava de ser católico. Quis segurar um cara, mas outro tirou dele, tentou de novo e perdeu de novo o cheiro masculino do amor fugaz. Pelas costas um cara pequeno o segurou e começou beijar a mordidas seu ombro, teve nojo e foi para o banheiro da boate. No corredor havia vários casais se beijando. Entrou no banheiro, fechou a porta, sentou-se no vaso e dormiu chorando.

Acordou deitado no banheiro coberto com o lençol molhado de suor. Pensou que tinha que dar aula nessa manhã, mas lembrou que era sábado santo e que era um final de semana cumprido como se fossem férias. Sentiu saudade do trabalho, das pessoas da universidade, mas não por elas, senão pelo fato de estar ocupado, mesmo sabendo que ninguém de lá jamais entenderia seu mundo. Também sentiu falta da camareira do apart-hotel chegando para limpar o apartamento e bater um papinho. No final, era sua única interlocutora, sua confidente e talvez amiga. Ela já o salvara em outros momentos com seu papo simples, ameno e humano. Contudo, quem parecia bater na porta era a morte, tantas vezes pesquisada nos labirintos da ética e tão bonita quanto sinistra. Isso merecia mais um gole de uma bebida que queimasse a alma do seu pensamento libertário, uma droga com a qual pudesse esquecer a dor e sentir o beijo da autodeterminação, como um travesseiro de si mesmo, onde o abismo é a solução e no final do túnel não há luz. Sábado de aleluia pensou. Havia que comemorar a ressurreição. Bebeu um largo gole por aqueles que se vão para o nada, sem direito a nada, mas que deixam de sofrer neste mundo. Dormiu.

Entre acordado ou ainda sonhando, lembrou-se de uma noite de festa na escola na qual ele ficara, sem entender o porquê, no banheiro fazendo um xixi sem fim, olhando para o falo dos colegas num instante que era infinito. Havia algo diferente nele dos outros garotos, pois não gostava de jogar bola, de times e de outras palhaçadas do futebol, também não gostava de brincadeiras violentas, de espiar as meninas, de arrotar alto e de cuspir mais longe. As meninas gostavam dele, mas os garotos ficavam no seu pé. Na aula de história pensou que seus colegas eram como Hitler, pois queriam acabar com ele por ser

diferente. Não era raro sofrer insultos e piadinhas de mau gosto. Teve um dia que não agüentou mais as provocações e reagiu. Deu um empurrão que derrubou um desses idiotas que reagiu mesmo sabendo que não tinha vez diante do tamanho do seu oponente. O bobão levou um soco, mas seus colegas, que estavam animando a briga, começaram a gritar veado e pularam encima dele sem dar chances de defesa. Depois da surra, algumas meninas o ajudaram a se levantar e lavaram as feridas, outras foram batendo palma para os garotos. Em casa falou para seu pai, enquanto sua mãe fazia os curativos, que foi uma briga de ciúme. Seu pai não gostou, pois diz que não era preciso brigar por mulher, mas que no final gostara da sua atitude de homem. Aquela noite, sozinho no seu quarto, lembrou da arma que seu pai guardava na parte de cima do armário e que ele uma vez quando criança pegou para olhar, mas deixou quieta lembrando algum perigo que ouvira falar com relação a ela. Pensou que no outro dia, quando sua mãe saísse de casa para fazer a feira, ele buscaria essa arma e as munições, mas no dia seguinte, na primeira hora da manhã, sua mãe entrou no seu quarto. Estavam sozinhos em casa e falou: filho eu não sou boba, conta para mim o que aconteceu. Ele ficou calado. Ela insistiu. Ele, antes de falar, pediu que nunca contasse para ninguém de casa nem para ninguém mesmo, mas voltou a ficar calado olhando para parede. Sua mãe se antecipou: filho eu sei que você não gosta de meninas. Então ambos se abraçaram e choraram um bom tempo, como se tivesse morrido alguém da família. Passaram décadas e muitas passeatas com milhares de pessoas celebrando o arco-íris antes do que seu pai soubesse a verdade do seu filho, quando ele finalmente tomou conhecimento, não chorou nem abraçou seu filho, mas aceitou essa fatal realidade com resignação.

O recepcionista do apart-hotel bateu na porta para saber se estava tudo bem, pois sua irmã do sul não conseguia falar com ele. Ele responde que estava tudo bem e que só estava um pouco gripado. O porteiro falou que qualquer coisa podia interfonar.

Entre bêbado e acordado, olhou para capa de uma publicação acadêmica sobre Gênero e Sexualidade. Ele era um dos editores e se sentia bem por isso, mas já era demasiado tarde. Não era só dizer, mais também amar e ser amado como pessoa. Estava cansado, esmagado por uma incompreensão sem limites. Sozinho. Órfão. Fatigado. Bêbado e drogado, mas consciente, demasiado lúcido e sensível. Então, como se um anjo sem sexo o levantara, sentou-se na cama e começou a enrolar o lençol umedecido até virar uma corda bem apertada. O anjo o levou até o banheiro. Testou a frágil estrutura do Box com o peso dos dois e ambos amarraram o lençol no pescoço do jovem filósofo

na parte alta do Box. Suas pernas ficaram dobradas e bem apoiadas, pois ele tinha que passar agachado para poder tomar banho. Ficou nessa estranha posição esperando seu tempo de dormir e sonhar, como nunca, no mundo do nada. Nesse mundo sem mundo, onde não há deus nem outra vida, mas corpo em decomposição e lembranças que os outros rapidamente esquecem ou preferem apagar da memória por vergonha própria ou alheia. Assim, ele começa a se despedir sem medo, mas triste, pois seu corpo no fundo lhe pede mais vida, discute com ele e lhe faz entender: vamos terminar com esta história! As pernas querem voltar, mas lentamente sua consciência e corpo começam a virar um peso sem peso.

Naquele domingo de páscoa, como todos os anos e há dois milênios, os católicos celebraram a ressurreição, alguns foram para igreja, mas a grande maioria dormiu e assistiu televisão em família, outros saíram de casa para aproveitar o feriado. Na porta do apart-hotel, uma senhora de idade que ia para igreja viu um corpo sendo retirado e se benzeu pensando na alma do defunto e no tempo de vida que ainda ela tinha. Não quis saber, mas ouviu que foi por vontade dele mesmo. Então se benzeu de novo pedindo primeiro pela sua própria alma e depois, resmungando, pela alma do defunto. Outras pessoas, com roupa de praia, olharam para cena da mesma forma de quando retiram um acidentado que não teve tempo em pensar nem na morte nem na vida. Aqueles que o conheceram com um bom dia, boa tarde e boa noite ficaram sem entender.

Na igreja, enquanto esperávamos o corpo presente, escuto as pessoas comentando que ele era tão amável, suave, agradável, educado, competente, comunicativo, jovem, com boa situação econômica... Pessoalmente, lamento não o ter chamado para comer o peixe em casa como fizera no ano anterior na mesma data, mas muitas vezes ele não retornava a amizade que lhe ofertava. Fui um idiota, pois não percebia que havia um abismo na sua pessoa. Agora vejo seu rosto no caixão com seus músculos faciais descansando e penso que poderia ter ofertado uma mão: talvez fosse só um dedo perto do seu dedo para que o lençol da morte não cobrisse seu corpo frágil e sua mente forte. Agora não tenho mais nada a fazer, senão especular seu mistério com as armas da literatura e o amor de amigo que nunca esquece.

Primeiro Lugar (Nacional e Regional) no Primeiro Concurso de Contos BNB na VI Feira do Livro de Mossoró, 2010.

